



## TEMPO DE CORRER

Priscila Lopes<sup>98;2</sup>

[priscalopes@usp.br](mailto:priscalopes@usp.br)

Michele Vivieni Carbinatto<sup>99</sup>

[mcarbinatto@usp.br](mailto:mcarbinatto@usp.br)

O presente trabalho tem como objetivo descrever o processo criativo desenvolvido pelo Grupo de Ginástica de Diamantina (GGD) na construção da coreografia “Tempo de correr”. O GGD é um projeto de extensão vinculado ao Programa de Bolsas de Apoio à Cultura e à Arte da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Está vinculado à categoria Artes Integradas, uma vez que adotamos a Ginástica Para Todos (GPT) como metodologia de trabalho, compreendida por Ayoub (2003) como uma prática ampla e diversificada que engloba atividades no campo da ginástica, dança, jogos, teatro, dentre outras manifestações, acentuando elementos como a liberdade de expressão, a criação e a ludicidade. Dentre os objetivos do GGD, destacamos a produção de composições coreográficas originais que, na perspectiva da GPT, valoriza tanto o processo de construção quanto o produto final, independente do local onde a apresentação ocorre – aula ou eventos festivos (TOLEDO; TSUKAMOTO; CARBINATTO, 2016) –, diferentemente das ginásticas competitivas, em que a coreografia é avaliada somente no momento da apresentação aos árbitros. É evidente, também, o aspecto expressivo e comunicativo da GPT, situando-a como uma manifestação pertencente ao universo das linguagens artísticas e contemporâneas (MARCASSA, 2004). Outrossim, na GPT nota-se a capacidade de transformação dos movimentos, que ressignificam a sua forma original, ultrapassando a simples reprodução cinematográfica de elementos corporais com a música, e possibilita aos envolvidos uma leitura ampliada de si próprio e do mundo (FURTADO; CARBINATTO, 2017; MARCASSA, 2004; SBORQUIA, 2008). Ademais, autores indicam que o processo de construção coreográfica deve ser colaborativo e democrático, de forma que todos os envolvidos participem do processo criativo do início ao fim (FURTADO; CARBINATTO, 2017; MARCASSA, 2004; SBORQUIA, 2008; TOLEDO; TSUKAMOTO; CARBINATTO, 2016). Marcassa (2004) defende que o processo de criação deve ser orientado pela tematização, a qual se configura como um momento único para que os envolvidos possam problematizar situações vividas ou dados concretos da realidade na qual estão inseridos, o que potencializará a capacidade de expressar, por meio da ginástica, a dinâmica cultural de uma sociedade, mas é importante ressaltar que os caminhos percorridos na construção de uma coreografia de GPT são diversos e podem se iniciar pela escolha da música ou do material, por exemplo (SBORQUIA, 2008; TOLEDO; TSUKAMOTO; CARBINATTO, 2016). Independente do estopim inicial, Kneller (1978) propõe a subdivisão do ciclo criador em cinco fases, quais sejam: A) Primeira apreensão – primeiro insight, percepção de uma ideia a ser realizada ou de um problema a ser solucionado; B) Preparação – investigação das potencialidades da ideia inicial, pesquisas em diferentes bases (imagens, sons, literatura, etc.) que servirão de impulso para a imaginação; C) Incubação – período variável de atividade não consciente, a ideia permanece como objeto de análise e são feitas reflexões sobre a criação; D) Iluminação – momento em que os criadores percebem a solução do problema e a criação é desenvolvida; E) Verificação – última fase do processo, na qual se faz a revisão e a lapidação dando forma final à criação. O autor esclarece que tais fases não se tratam de dicotomias do processo de criação, mas a consideração do mesmo em estágios que, muitas vezes, se misturam ou alternam sua ordem de acordo com as necessidades daquilo que está sendo produzido. A partir da teoria apresentada por Kneller (1978), analisamos o processo de construção da coreografia “Tempo de correr”, elaborada e apresentada pelo GGD no ano de 2016.

<sup>98</sup> Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).

<sup>99</sup> Universidade de São Paulo (USP).



**Fase A) Primeira apreensão:** Os integrantes do GGD foram divididos em subgrupos que tiveram a tarefa de representar com o corpo suas ideias para a composição coreográfica. Por votação, após discussão sobre o que foi exposto, o grupo optou pela ideia de representar o desastre ambiental ocorrido na região da cidade de Mariana, MG, no final do ano de 2015. **Fase B) Preparação:** Foram realizadas pesquisas por meio virtual buscando reportagens (artigos de jornais, revistas, etc.), imagens reais e artísticas (fotografias, pinturas, artes plásticas, etc.), vídeos reais e artísticos (jornalísticos, de manifesto, etc.), performances (produções de dança, teatro, performances de manifestação, etc.), entre outros dados referentes ao desastre ou inspirados nele. Todo esse material foi publicado em um grupo fechado de rede social, de forma que todos os integrantes pudessem ver e discutir virtual e pessoalmente. **Fase C) Incubação:** O grupo fez experimentações corporais com o propósito de retratar, por meio do movimento (da ginástica, da dança, do teatro, etc.), as emoções emanadas a partir das impressões e discussões referentes ao material levantado na fase anterior. Também foram feitas nesta fase, a escolha do material lona de plástico, o qual deveria representar a imensidão do desastre e a sujeira deixada por ele; e a música que deveria expressar o impacto da tragédia, a dor e a revolta daqueles que passaram por ela; todos esses sentimentos elencados pelos integrantes do GGD. **Fase D) Iluminação:** Nesta fase, foi decidido que a coreografia não representaria uma sequência cronológica do desastre, mas sim uma ordem aleatória dos fatos, podendo iniciar pela morte de pessoas e animais, por exemplo. As cenas da coreografia buscaram representar o luto, o desastre em si, a necessidade de reconstrução da cidade, o descaso das autoridades e o esquecimento por parte da população, entre outros fatos e sentimentos elencados pelo grupo. **Fase E) Verificação:** A composição foi aprimorada tanto em relação à sequência determinada quanto aos movimentos escolhidos para compô-la, resultando na coreografia intitulada “Tempo de correr”, com a música Prituri Se Planinata por Stellamara. Primeiramente, percebemos que o GGD optou pela proposta de Marcassa (2004) ao iniciar a construção da coreografia “Tempo de correr” pela tematização. Esta escolha permitiu aos envolvidos, assim como sugere os estudos da autora, conhecer melhor a situação real e atual da sociedade que nos cerca, principalmente por se tratar de um tema que abordou algo ocorrido no mesmo Estado onde está situada a UFVJM, universidade sede do GGD, colaborando para uma formação humana crítica e transformadora. Verificamos também, que a organização do processo criativo utilizando a teoria das fases do ato criativo sugerido por Kneller (1978), facilitou a compreensão sobre os caminhos escolhidos pelo GGD. A construção de “Tempo de correr” levou cerca de cinco meses. Registros escritos e de imagem (fotografias e vídeos) foram feitos com o objetivo de arquivar o processo desenvolvido no sentido de auxiliar produções coreográficas futuras. A organização deste material nas fases do ato criativo poderá nortear as próximas composições coreográficas desde o início.

*Palavras-chave:* Ginástica Para Todos, coreografia, processo criativo.

## Referências

FURTADO, L. N. R.; CARBINATTO, M. V. **Composição coreográfica na Ginástica Para Todos**. Texto Mímeo, 2017.

KNELLER, G.F. **Arte e Ciência da Criatividade**. São Paulo: IBRASA, 1978.

MARCASSA, L. Metodologia do ensino da ginástica: novos olhares, novas perspectivas. **Pensar a Prática**, 2004.

SBORQUIA, S. P. Construção coreográfica: o processo criativo e o saber estético. In: PAOLIELLO, E. (org). **Ginástica Geral: experiências e reflexões**. São Paulo: Phorte, 2008.

TOLEDO, E.; TSUKAMOTO, M. H. C.; CARBINATTO, M. V. Fundamentos da ginástica para todos. In: NUNOMURA, M. **Fundamentos das ginásticas**. Várzea Paulista: Fontoura, 2016.